

IDEOLOGIA LINGUÍSTICA: A NOSSA (DES)CONHECIDA

Romário Duarte SANCHES¹

Solange de França OLIVEIRA

Jaqueline SILVA²

RESUMO: O presente trabalho teve como objetivo compreender os fatores sociais que proporcionam a opressão e alienação de estudantes do curso de Letras do município de Macapá - Ap. Deste modo, analisaram-se as concepções dos acadêmicos da esfera Federal, Estadual e Particular, sendo identificadas como A, B e C, respectivamente. Delimitou-se como opção metodológica a abordagem qualitativa e quantitativa. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado o questionário fechado. Os dados obtidos apontaram que os acadêmicos de Letras ainda estão desprovidos de muitas informações sobre o curso, demonstrando também que a ideologia linguística é só mais uma entre tantas outras coexistentes em nossa sociedade e cabe aos "formadores de opiniões" combatê-las. Acredita-se que os resultados deste estudo possam contribuir para a sociedade acadêmica, com as discussões atuais em torno das ideologias linguísticas propagadas.

PALAVRAS-CHAVE: Ideologia. Curso de Letras. Linguística.

LINGUISTIC IDEOLOGY: our (un)known

ABSTRACT: This study aimed to understand the factors that provide social oppression and alienation of students of the city of Macapa-AP. We analyzed the conceptions of the academic sphere of Federal, State and Private, identified as A, B and C, respectively. Delimited as a methodological option qualitative and quantitative approach. As data collection instrument was used closed questionnaire. The data obtained indicated that the students of Arts are still lacking a lot of information about the course, also demonstrating that the linguistic ideology is only one among many other coexisting in our society and it is the "opinion formers" to combat them. It is believed that the results of this study may contribute to the academic society, with the current discussions around language ideologies propagated.

KEY-WORDS: Ideology. Course of Literature. Linguistic.

INTRODUÇÃO

O trabalho visa à análise de fatores sociais que levam a opressão e alienação de estudantes do curso de Letras do município de Macapá-AP, tendo

¹ Graduado em Licenciatura Plena em Letras com Habilitação em Língua Inglesa pelo Instituto de Ensino Superior do Amapá - IESAP. duarte.romrio@gmail.com e solangef.oliveira@hotmail.com

² Pedagoga. Esp. Psicologia da Educação e Educação Especial, professora orientadora deste trabalho.

como foco a ideologia linguística, em que pesquisas apontam a visível cristalização de discursos opressores, alienantes e falsos.

No percurso da pesquisa será realizada uma análise com suporte teórico levando-se em consideração a reflexão dos alunos universitários dos seguimentos federal, estadual e privado. É certo que, primeiramente, faz-se necessário conhecer a concepção de Ideologias e sua manifestação na sociedade. A partir de então, por meio de questionários, se detecta e propõem estratégias diversas, voltadas para compreensão dos estudantes, referentes a temática evidenciada. Desta maneira, pretende-se também propor caminhos novos e/ou alternativas aos estudantes.

1 IDEOLOGIA: O QUE É, COMO FAZ?

As ações do homem em sociedade são guiadas por ideologias, mas para se possa entender como isso acontece convém entender o que seja ideologia, daí cita-se Guareschi (1999) que ressalta três distinções significativas sobre a concepção de ideologia:

O estudo das idéias no sentido da palavra; conjunto de idéias, valores, maneira de sentir e pensar de pessoas e grupos, e por último temos o sentido que tomaremos como base para o objeto de estudo desenvolvido; idéias erradas, incompletas, distorcidas e falsas (GUARESCHI, 1999, p. 17).

Chauí (1980) também aborda o conceito de ideologia, porém, a autora faz uma abordagem mais ampla a cerca do assunto:

Os homens produzem idéias ou representações pelas quais procuram explicar e compreender sua própria vida individual, social, suas relações com a natureza e com o sobrenatural. Essas idéias ou representações, no entanto, tenderão a esconder dos homens o modo real de como suas relações sociais foram produzidas e a origem das formas sociais de exploração econômica e de dominação política. Esse ocultamento da realidade chama-se ideologia. Por seu intermédio, os homens legitimam as condições sociais de exploração e de dominação, fazendo com que pareçam verdadeiras e justas. (CHAUÍ, 1980, p. 21).

Por ser produzida pelo homem, a ideologia, é aspecto integrante e construtivo de qualquer sociedade, visto que também é condizente ao conceito

de cultura, segundo Laraia (2005, p. 23) “como um conjunto de mecanismos de controle – planos, receitas, regras, instituições – para governar o comportamento”, isto é, a “totalidade das criações humanas” nas ideias, valores, crenças, manifestações artísticas de todo o tipo, instituições sociais, conhecimentos científicos e técnicos, instrumentos de trabalho, tipos de vestuário, alimentação, construções, e outros.

A ideologia está presente nas mais diversas sociedades e nas suas superestruturas sejam elas políticas, jurídicas e morais em que incluem o Governo, Assembléias e Parlamentos como poder do estado e ligados a eles os seus Aparelhos de Estado Repressivos e Ideológicos que segundo Guareschi (1999) são:

Os aparelhos repressivos: são aqueles aparelhos que na sua função de manutenção e reprodução da sociedade usam a força, a violência ou a coação-repressão. Poderíamos identificar-los como: o exército, as companhias de segurança, as polícias de todo tipo, as prisões, os tribunais e o direito. (GUARESCHI, 1999, p. 88-90).

Os aparelhos ideológicos: são aqueles aparelhos, ou mecanismo, que na sua função de manutenção e reprodução das relações numa sociedade usam a persuasão, a *cantada*, isto é, a ideologia. Entre eles poderíamos citar os seguintes: a escola, a família, as diversas igrejas, as leis, os meios de comunicação social (rádio, TV, jornais, revistas, filmes, teatros), as entidades assistenciais, os sindicatos, as cooperativas dependentes do Estado, os partidos políticos e denominados pelo capital e outros. (GUARESCHI, 1999, p. 91-92).

Diante do exposto, compreende-se que a sociedade está rodeada de ideologias de todos os tipos e com diferentes intenções. Aqui também vale ressaltar como ela se manifesta e sua percepção, pois para Guareschi (1999, p. 21) é “através da linguagem e da comunicação, que são produções históricas, são transmitidos significados, representações e valores existentes em determinados grupos: é a ideologia do grupo” daí ter como exemplo o aparelho ideológico exposto pelos meios de comunicação, pois:

A medicina e a moda incutem que estar acima do peso é feio e, além disso, mortal. Ignoram-se diferenças ditadas pela natureza, que nos deixam saudáveis e contentes mesmo que estejamos um pouco fora do esquadro ditado por ideais ou uma medicina nem sempre sensata, que dentro de pouco tempo pode mudar seus padrões – em que tão poucos cabem. (LUFT, 2010, p. 31-32)

Assim, a medicina (o grupo) tenta convencer que é preciso utilizar-se dos meios que ela oferece (produtos para emagrecer e/ou cirurgias como lipoaspiração) para estar nos padrões de beleza que a sociedade exige, já esse ligado a moda.

Vale ressaltar, que um dos meios pelo qual a ideologia se expõe ao mundo é através da linguagem, citado por Fiorin (2001, p.74), pois ela “pode ser instrumento de libertação ou de opressão, de mudança ou de conservação”. Partindo do exposto, Guareschi (1999) aborda que nós podemos também refletir, tomar consciência do processo e tentar mudar, mas na maioria das vezes ficamos condicionados a influência dos outros inclusive pelo fato de termos de aceitar a própria linguagem e as definições das coisas que os outros nos deram.

2 IDEOLOGIA LINGUÍSTICA

Tomando consciência do que seja ideologia, explicita-se o que interessa: ideologia linguística. Termo pouco falado e discutido, porém bastante aplicado aos cursos de Letras e seus membros. Por sua vez ideologia linguística de acordo com Bagno (2009) é considerada como:

Uma ideologia antibrasileira, repressora e autoritária, assumida e divulgada por gente que vê “erros” por todo lado e que acredita no mito da existência, num passado longínquo, de uma “época de ouro” da língua, quando todos falavam “certo” e ninguém “corrompia” a mística “língua de Camões”. (BAGNO, 2009, p.10)

Contudo, a pesquisa evidenciada ao longo deste trabalho, levando em consideração os conceitos expostos, é de suporte qualitativo e quantitativo, pois se utilizou de análise de questionários aplicados em outubro de 2010 a estudantes de Letras ingressos e concluintes do curso em três Instituições de Ensino Superior – IES, em Macapá-AP, no qual aqui serão identificadas por instituição A, B e C com seus respectivos estudantes enumerados referenciando cada uma. Vale ressaltar que participaram deste estudo quarenta e cinco (45) acadêmicos(as), sendo quinze de cada Instituição.

A princípio perguntou-se aos entrevistados qual a concepção dos mesmos sobre ideologia linguística, os dados revelaram que em torno de 2%

dos entrevistados, conseguiram se aproximar do conceito de ideologia linguística, como expôs B1 do primeiro semestre de licenciatura francês dizendo que “é a representação de um padrão a ser seguido”.

Os números mostram a falta de conhecimento sobre o assunto tanto dos estudantes que estão iniciando o curso quanto os que estão concluindo. Daí conclui-se que é um assunto pouco ou que não é discutido no contexto das IES, durante o processo de formação. É necessário frisar, que o curso possui uma grade curricular vasta, com áreas de conhecimentos bastante ligados a esse tipo de reflexão no que diz respeito a construção humanística que a própria filosofia (componente curricular) traz, como cita Saviani (1973) ao defender o ato de refletir diante da filosofia, pois para ele é o ato de retomar, reconsiderar os dados disponíveis, revisar, vasculhar numa busca constante de significado. É examinar detidamente, prestar atenção, analisar com cuidado.

Aqui também se ressalta a metáfora de Betto (2010) quando compara a ideologia como óculos, pois quem os usa enxerga melhor as coisas quando os tem diante dos olhos, mas ao ver as coisas, não vê os próprios óculos. Partindo deste princípio, consideramos os estudantes investigados, como propagadores da ideologia linguística sem que o percebam.

Esta situação fica perceptível pelo fato de 78% dos entrevistados concordarem com a visão de que todo profissional em Letras deve dominar a gramática normativa de Língua Portuguesa, alegando ser o único objetivo do curso e a única alternativa para se repassar o conteúdo aos futuros alunos, assim argumenta B3 (estudante concluinte) “não há outra finalidade senão for o estudo e domínio da gramática normativa”.

Percebe-se que independentemente do grau e local de formação ainda se opera uma visão limitada, restrita sobre a verdadeira intencionalidade do curso de Letras. Em relação aos 22% dos entrevistados que foram imparciais, cerca de mais da metade são concluintes e todos argumentaram a passividade no ensino de Língua Portuguesa reconhecendo-a apenas como um instrumento

de apoio, pois o que vale é a segurança no que o professor irá ensinar. (relatos de B25, C1 e C8)

Outra ideologia linguística imperante durante a análise dos questionários é sobre a intenção do curso perante a perspectiva de cada estudante, na qual constatamos que 51% visam empregabilidade já os 49% visam o curso para terem domínio na linguagem escrita e oral.

Essa pressuposição de formação acadêmica que permeia entre os 49% dos estudantes é parcialmente lúdica, pois o curso em si não forma “*gramatiqueiros*” – grifo nosso – pois visa uma análise bem mais ampla do que o domínio de regras gramaticais orais e escritas já acabadas e mal elaboradas.

De acordo com Bagno (1999) a língua é um enorme *iceberg* flutuando no mar do tempo, e a gramática normativa é a tentativa de descrever apenas uma parcela mais visível dele, a chamada norma padrão. Essa descrição é claro tem seu valor e seus méritos, mas é parcial (no sentido literal e figurado do termo) e não pode ser autoritariamente aplicada a todo o resto da língua – afinal, a ponta do *iceberg* que emerge representa apenas um quinto do seu volume total. Mas é essa aplicação autoritária, intolerante e repressiva que impera na ideologia geradora do preconceito linguística.

Logo, percebe-se a *meia* confusão – grifo nosso – que o estudante faz em relação ao curso, pois de forma analítica e comparativa das matrizes curriculares do curso, faz-se necessário ressaltar, que a mesma, não está voltada apenas a estruturas morfossintáticas da língua portuguesa visam também um saber linguístico amplo o que implica em conhecer a norma padrão e não-padrão da língua e suas interferências sociais. São trabalhadas também disciplinas relacionadas e integradas à linguagem perpassando por outras áreas de conhecimento como a Filosofia, Psicologia, Sociologia, Epistemologia, História, Semiótica, Linguística, Antropologia e outras, dependendo da organização disciplinar em cada IES.

Outra questão encontrada está nos discursos de apresentação do curso de Letras pelas IES em que as Instituições A, B e C apresentam

direcionando-o ao mercado de trabalho, daí compreender, em partes, os 51% de estudantes que de acordo com os questionários demonstraram a intenção pelo curso por meio desse aspecto, uma vez que se compreende o sistema social e capitalista em que se vive.

Sendo assim, Guareschi (1999, p.76) afirma que “dentro do nosso sistema educacional as pessoas são formadas para o trabalho” por isso ser “importante que as pessoas estudem, isto é, se preparem para um trabalho eficiente e rápido”.

Durante a pesquisa um fator ainda que chamou atenção, foi encontrar na instituição B um folheto informativo de propaganda do curso de Letras, naqueles descritos manuais do candidato, a propagação de uma formação profissional, capaz de “proporcionar aos seus alunos o domínio da língua como instrumento de plena participação social”, sendo que para interação social não é necessário de determinado “domínio da língua” o que sugere também o “domínio da norma gramatical” da língua portuguesa, assim, Bagno (2009) descreve dizendo que Infelizmente, existe uma tendência muito forte no ensino da língua de querer obrigar o aluno a pronunciar “do jeito que se escreve”, como se essa fosse a única maneira “certa” de falar português.

Bagno (2009) ainda diz que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada “artificial” e reprovando como “erradas” as pronúncias que são resultados da história social e cultural das pessoas que falam a língua em cada canto do Brasil.

Compreende-se que, mesmo não possuindo domínio da norma culta o indivíduo é capaz de interação com o meio social, pois ele já possui, como cita Antunes (2007, p. 25) uma gramática internalizada que conduz a comunicação, pois “quando se fala em gramática, pode-se estar falando [...] da gramática correspondente ao saber intuitivo que todo falante tem de sua própria língua”.

Prosseguindo com a análise, perguntamos aos entrevistados qual a reação deles quando se perguntou algo referente a Língua Portuguesa e que

não souberam responder. Então, 80% dos entrevistados admitiram não saber, mas buscariam respostas, já os 20%, sendo mais da metade concluintes do curso, alegaram que encontrariam meios para se defender das críticas que surgiriam.

Os números revelam que em sua maioria os acadêmicos admitem que não tem conhecimento, já como consequência dessa falta de conhecimento do assunto perguntado tem-se o quantitativo de 10% dos acadêmicos que também optaram pela alternativa de que acabaram sofrendo represálias por ser um estudioso da área.

A essa pequena porcentagem, mas qualificada, reflete na situacionalidade na qual os entrevistados se inserem, pois aqueles que sofreram represálias estavam em ambientes diversificados como no local de trabalho, grupo social ou no âmbito familiar, assim, mostram os dados, quando nos referimos a tal pergunta, no que diz respeito à quem ou por quem se sente mais pressionado em demonstrar conhecimento e domínio da Língua Portuguesa, no qual os números são: em torno de 37% indicaram ser pelo grupo social, 26% nunca sofreram, 16% pelos pais e familiares, 13% pelos professores e 8% no local de trabalho.

Os dados mostram números duvidosos, pois ao mesmo tempo em que temos uma boa porcentagem indicando o grupo social como fator de uma suposta pressão psicológica tem-se algumas porcentagens a menos indicando que nunca sofreram pressão alguma.

Daí retoma-se como exemplo o já citado acima Betto (2010) sobre a ideologia fascista ou mascarada, pois esses 26% dos entrevistados que se dizem nunca ter passado por isso possam está usando o cogitado “óculos” de Betto (2010), ou seja, a prática ideológica está fincada e passa despercebida, pois tal prática acontece corriqueiramente em diversos ambientes, com diversas pessoas.

O grupo social se torna um dos aspectos mais frequentes na influência de ideologia linguística e é por pequenos atos que estão incluídas a pressão

ideológica, exemplo disso é quando no meio de amigos “erramos” determinada palavra ao pronunciar e o retorno desses “erros” são ironias, gargalhadas e insultos de “amigos” como “você é burro”, “não sabe falar”, “nem parece que você estuda letras” e assim por diante, mas tudo em forma de “brincadeira”, o que não deixa de ser um tipo de pressionamento ao suposto “erro”.

Em última análise pediu-se aos entrevistados que dissertassem sobre sua concepção perante a sentença de que “todo estudante de letras deve escrever e falar bem”. O resultado de modo geral, foi de 51% concordaram com a afirmativa e 49% acreditam que isso não procede.

Dentre os 51% que concordam, em torno de mais da metade dos entrevistados são acadêmicos iniciantes o que suscita dizer que a concepção formada do curso é muito vaga e inexperiente, pois estes acreditam que o curso em si como qualquer outro tem o dever de capacitá-lo a fazer com que o mesmo domine a área, como relata B28 acreditando que “nada mais justo, já que a maioria das disciplinas dadas é voltada a língua portuguesa”.

Em contraste com essa afirmação temos os 49% dos entrevistados, sendo que mais da metade são concluintes do curso, alegando que isso seja uma sentença equivocada, assim o aluno B20: alerta: “é importante que o estudante de Letras tenha domínio sobre a fala e a escrita, mas não podemos nos tornar escravo do que a sociedade impõe, tem que ser um aprendizado espontâneo e não forçado” e também como complemento C2 afirma “ser apenas uma falácia, pois acredita que não devemos responsabilizar somente a um grupo social para tal tarefa e sim é uma tarefa de todos aprimorarem de acordo com as necessidades sociais”.

Assim, observa-se que a comunidade acadêmica de Letras ainda está desprovida de muitas informações sobre o curso, no qual acabam sendo mais um “saldado” da sociedade que não pára para refletir sobre os mínimos aspectos ideológicos que o rodeia e que a sociedade os impõe.

Sendo assim, compreende-se a sociedade de modo restrito, pois apenas uma parcela mínima da sociedade é responsável pela criação de tais

ideologias, no qual dependendo de sua superestrutura é criado o aparelho ideológico pelo grupo dominante para reproduzir seus interesses que quase sempre são impostas, obrigatórias e controladas pelos que detêm o poder – é essa classe dominante geradora de ideologias que impera na sociedade Macapaense em que na maioria das vezes “obedecemos” para atender a suas e nossas necessidades, como o mercado de trabalho, a manutenção da imagem de intelectual por saber falar e escrever correto e outros fatores exigidos.

Contudo, não se pode deixar levar pelas ideias tão opressoras e carregadas de preconceitos, as pessoas precisam tomar consciência do que a sociedade vem empregando e tentar modificá-la. Desta forma, a ideologia linguística e só mais uma entre tantas outras coexistentes em nossa sociedade e cabe a nós “formadores de opiniões” combatê-las, tanto dentro do âmbito universitário como fora deste ambiente tentando esclarecer e comunicar a sociedade de modo geral, para que estes sejam capazes também de rejeitar essas idéias convencionadas e errôneas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Muito Além da Gramática**: por um ensino de línguas sem pedra no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico**: O que é e como faz. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. **Não é errado Falar assim!** Em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

CHAUI, Marilena. **O que é ideologia**. São Paulo: brasiliense, 1980.

FIORIN, Jose Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Átila, 2001.

GUARESCHI, Pedrinho. **Sociologia Crítica**: alternativas de mudança. Porto Alegre: Edipucrs – 45ª edição, 1999.

HEEL, Victor. **A idéia de cultura**. São Paulo: Martins, 1989.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

LUFT, Lya. **Múltipla escolha**. Rio de Janeiro: Recorde, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **A filosofia na formação do educador**. In: Educação: do senso comum à consciência filosófica. Campinas: Autores Associados, 1973.

BETTO, FREI. **IDEOLOGIA**. Disponível em:
<<http://profbrunoraphael.blogspot.com/2009/11/ideologia.html>>. Acesso em 30 de out de 2010.

APRESENTAÇÃO DO CURSO DE LETRAS DO INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR DO AMAPÁ – IESAP. Disponível em:
< http://www.iesap.edu.br/pagina.php?pg=curso_apresentacao&idcurso=30>
Acesso em 15 de out de 2010.

APRESENTAÇÃO DO CURSO DE LETRAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO AMAPÁ – UEAP. Disponível em: <
<http://www.ueap.edu.br/prograd/gletras.htm>> Acesso em 15 de out de 2010.

APRESENTAÇÃO DO CURSO DE LETRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP. Disponível em:
<http://www.unifap.br/paginas/grad_letras.php> Acesso em 15 de out de 2010.